

Geopolítica da água

Elis Pinto¹

Resumo

A atual situação dos recursos hídricos é um dos principais fatores que vem causando preocupações quanto a conflitos entre países devido à maneira como estão sendo gerenciados esses recursos. Como a distribuição natural da água pela superfície não corresponde à distribuição política, alguns países possuem mais volume de água doce do que outros, contribuindo assim para diversos tipos de conflitos. Essa crise tem provocado algumas mudanças nas economias, pois a água é fonte de riqueza em setores como o da agricultura, da indústria, da geração de energia, além de ser essencial para a sobrevivência humana. Recuperar a sua qualidade, volume e sua distribuição são desafios que os governantes terão nos próximos anos para que ela não se torne um produto de mercantilização e motivos de conflitos.

Palavras-chave: Geopolítica da Água, Guerras pela Água e Privatização da Água.

Geopolíticas de las Aguas

Resumen

La actual situación de los recursos hídricos es uno de los principales factores que vienen causando preocupaciones de posibles conflictos entre países debido a la manera de cómo están siendo gerenciados esos recursos. Como la distribución natural del agua por la superficie no corresponde a la distribución política, algunos países poseen más volumen de agua dulce que otros, contribuyendo así para esos conflictos. Esta crisis ha provocado algunos cambios en las economías, pues el agua es fuente de riqueza en sectores como el de la agricultura, de la industria, de la generación de energía, además de ser esencial para la supervivencia humana. Recuperar su calidad, volumen y su distribución son desafíos que los gobernantes tendrán en los próximos años para que ella no se convierta en un producto de mercantilización y motivos de conflictos.

Palabras claves: Geopolíticas de las Aguas, Guerras por el Agua y Privatización del Agua.

¹ Especialista em Geopolítica e Relações Internacionais pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Professor de geografia na Secretária de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: ellis_junior@yahoo.com.br

Introdução

Uma nova reflexão sobre a gestão mundial da água e questões referentes a sua escassez e mercantilização vem gerando grandes discussões por conta dos aspectos ou interesses relacionados com a geopolítica. A atual crise da água, que está cada vez mais perto de nossas casas, e a contribuição da sociedade para diminuir essa crise, ainda está longe de atingir resultados para diminuir os conflitos por esse recurso. A necessidade de se refletir sobre a atual gestão da água aumenta o debate de como promover práticas públicas e sociais para maiores responsabilidades na gestão e uso das águas. A humanidade está poluindo e esvaziando a fonte da vida em um ritmo surpreendente, e a demanda por água doce crescente tem impactos sociais, políticos e econômicos, provocando conflitos entre nações, onde dois ou mais países compartilham desse recurso, e entre cidades e comunidades rurais, grupos étnicos e tribos, nações industrializadas e não-industrializadas, corporações e cidadãos e classes socioeconômicas distintas.

Segundo a FAO², órgão da ONU, estima-se que 1,1 bilhão de pessoas no mundo carecem de acesso à água potável e 2,5 bilhões de pessoas de serviços de saneamento, além de 1,3 bilhão não terem acesso à eletricidade, e esses números só tendem a aumentar. Dos quinze países mais carentes desse recurso, doze deles estão no norte da África e no Oriente Médio, regiões potencialmente explosivas por conta de conflitos internos, como os de tribos que vivem sob a mesma bandeira e têm diferentes origens étnicas e crenças religiosas. Essa crescente demanda por água doce pode reavivar confrontos entre esses países que já disputam espaço político e influência. Outros estudos realizados pela ONU³ apontam que cinquenta anos é o tempo estimado para que metade da população mundial conviva com a escassez crônica da água.

Medidas drásticas terão que ser tomadas para conter este consumo insustentável, que poderá levar a humanidade a ver a água se tornar um bem de consumo esgotável, e um fator decisivo na explosão de conflitos armados entre países. Para alguns autores, a principal razão da escassez é o crescimento populacional e o aquecimento global. Segundo Ribeiro (2008), a distribuição da água

² Informações coletadas no endereço www.fao.org.br. Acesso em 11 de setembro de 2014.

³ Informações coletadas no endereço www.onu.org.br. Acesso em 19 de setembro de 2014.

está ligada a questões políticas e a mercantilização dessa. A falta de água de boa qualidade, assim como a questão da distribuição, relacionam-se a fatores naturais, mas a escassez é agravada pela falta de gestão e de governança, complementa o autor.

Diante desse quadro atual em que se encontra o consumo, a distribuição, a gestão e a comercialização da água, o objetivo é analisar nesse trabalho todas essas questões abordadas tendo todas como pressupostos à distribuição desigual dessa em um contexto geopolítico envolvendo relações pessoais e de poder. Outra relação custo-benefício, é que a gestão dos serviços de água e esgoto vem se tornando interessante para empresas que vêem uma oportunidade de lucro, tendo em vista que os países pobres e alta densidade demográfica, necessitam de distribuição e de saneamento básico.

Procura-se também observar os aspectos geopolíticos e geoestratégicos envolvidos quando se trata da distribuição e uso dos recursos hídricos. Nos conflitos entre gestores no Oriente Médio, a Síria já acusa Israel de abrir poços e drenar a maior parte da reserva de água, colocando em risco sua existência. Nessa região existem muitas Guerras de Água que são apresentadas como Conflitos Religiosos (BARLOW e CLARKE, 2003). Por fim, será explicado como a ONU, o FMI e a OMC, em seus projetos e parcerias com grandes empresas multinacionais vêm se constituindo no setor da privatização e comercialização desse bem essencial para a vida. Nesse tópico, o tema central passa a ser a disputa pela água, sendo ela um direito humano ou um bem econômico mercantil?

Geopolítica da água

Assim como as riquezas são distribuídas de forma irregular entre as nações, por questões políticas a distribuição da água deve ser analisada nessa mesma perspectiva, pois não se pode considerar que a sua distribuição natural desigual e as mudanças climáticas sejam apontadas como únicas causas da atual crise hídrica global.

O domínio por territórios de grandes quantidades de água é um fator fundamental para que qualquer sociedade possa garantir a sua sobrevivência e

desenvolvimento, e que tem gerado muitas guerras desde milhares de anos antes de Cristo até os dias de hoje. Em 1790 a.C, na Suméria, o Código de Hamurabi estabelecia penas rigorosas contra o roubo de água. Em 430 a.C, na Guerra pelo Peloponeso, os espartanos foram acusados de envenenar os poços no Porto de Pireu, fonte de abastecimento de água de Atenas. E em 323 a.C, Alexandre O Grande, destruiu represas construídas ao longo do rio Tigre, para prejudicar a navegação persa.

Com 70% da superfície da Terra coberta por água, imagina-se que ela estaria acessível a todos. Mas deste total de água da superfície, 97% é formado por águas salgadas e apenas 3% por água doce. Deste volume de água doce, 71% são de difícil extração, pois estão localizadas nas geleiras. Os outros 29% restantes de água potável no mundo estão distribuídos em águas subterrâneas (18%), rios e lagos (7%) e umidade do ar (4%). De toda a água doce acessível, apenas 8% dela é destinadas para os domicílios, pois 70% da água consumida no mundo são utilizadas na agricultura e 22% nas indústrias (RIBEIRO, 2008, p.25-29).

Segundo o Instituto Sócio Ambiental, essa disponibilidade de água estocada em rios e lagos é suficiente para atender de 6 a 7 vezes o mínimo anual que cada habitante do planeta precisa para sobreviver. Essa é a chamada água virtual, água que não é visível para nós, mas é usada em grande quantidade para a produção de mercadorias na agricultura e na indústria. O consumo de água por setor oscila de acordo com a renda dos países. Nos países ricos, o maior volume do consumo se concentra no setor industrial, e nos países pobres na agricultura. O consumo nos domicílios dos países de renda elevada também é maior que os de renda média e baixa.

Existem territórios e regiões que possuem grandes quantidades deste recurso, enquanto em outros pontos do planeta não apenas é um bem escasso como também é responsável pela miséria e conflitos inter e extraterritoriais. Para definir essas situações e mensurar as quantidades de água disponíveis nesses países e regiões, segundo Ribeiro (2008), os conceitos mais usados mundialmente são os de *escassez hídrica* e o de *estresse hídrico*:

A escassez hídrica é uma das medidas de avaliação geográfica de uma unidade territorial. Ela pode ser física e econômica. Quando a quantidade

Revista de Geopolítica, v. 8, nº 1, p. 19 - 32, jan./jun. 2017.

de água disponível de um país não é suficiente para prover as necessidades da sua população, existe uma escassez física da água. Se um país não tem recursos financeiros para levar água de qualidade e em quantidade suficiente à sua população, apesar de ela ocorrer em seu território, à escassez econômica. Em geral a escassez é mesurada a partir do estoque hídrico de cada país mais a água renovável dividido pelo total da população (RIBEIRO, 2008, p. 62).

Pode se definir estresse hídrico como resultado da relação entre o total de água utilizado anualmente e a diferença entre a pluviosidade e a evaporação (a água renovada) que ocorrem em uma unidade territorial, em geral, definida por país. Existem avaliações que consideram a relação entre o estoque hídrico, definido como o total de água que ocorre em uma determinada região, incluindo as águas superficiais e subterrâneas, e o volume total empregado (RIBEIRO, 2008, p. 63).

Muitos desses recursos hídricos passam por vários países em forma de rios e durante o seu curso são utilizados para diversas finalidades, como transporte, geração de energia, irrigação, turismo, esporte e formação de fronteiras.

Toda essa disponibilidade de água vem sofrendo com as mudanças no clima devido ao fenômeno do aquecimento global⁴, que está afetando os sistemas em todo o mundo, ou seja, desorganizando a vida e reconfigurando a distribuição da água no planeta, gerando mais crises e conflitos. Ribeiro (2008, p.19-20), aponta que a atual crise de água ocorre devido à escassez local, ao consumo exagerado e a elevação à condição de mercadoria em escala internacional.

Diversos estudos apontam que a crise vai além do aquecimento global e que a principal causa da escassez é política, que poderia ser resolvida ou amenizada por meios de algumas técnicas como estocagem e reaproveitamento. A distribuição desigual da água tem feito com que muitas indústrias se transfiram para países ricos em água por necessitarem de grandes quantidades desse bem nos processos de produção diretamente embutidos no produto.

Estima-se que por volta de 2050 a disponibilidade de água está projetada para crescer de 10% a 40% nas altas latitudes, e decrescer de 10% a 30% nas regiões secas (médias latitudes) onde já existem áreas estressadas. (DIAS, 2014, p.67). Por ironia do destino, serão os países pobres, mais uma vez, os mais afetados se essas previsões se concretizarem, pois estão localizados em regiões

⁴É a elevação da temperatura do planeta, gerando sérias complicações como: furacões, secas, enchentes, extinção de animais e vegetais, derretimento das calotas polares, alteração do clima e outros problemas que o homem não tem condições de enfrentar ou controlar.

secas e de médias latitudes. Já os países ricos que estão localizados nas regiões de alta latitude, ou seja, mais afastadas da linha do Equador e, conseqüentemente, mais próximos dos polos, poderão ver a sua disponibilidade de água aumentar se a previsões se concretizarem.

Irá surgir um novo modelo geopolítico no mapa mundial? Os países ricos em águas como Brasil, Canadá e Rússia, estão sob os olhares das grandes potências que já começaram a se posicionar estrategicamente para garantir o acesso às fontes de água. Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina estão em cima do Aquífero Guarani, o maior reservatório de água subterrânea do mundo. Talvez por esses fatores que Barlow e Clarke (2003) mencionam uma base militar americana localizada no Paraguai (em verdade um pista de pouso), visto que eles poderão ficar sem água no futuro. Até mesmo o ex-presidente George Bush possui fazendas em território paraguaio, demonstrando que a família petrolífera Bush pode estar interessada também nos lucros que a água poderá vir a oferecer.

Diante de tudo isso, pode-se compreender porque os países ricos não fazem esforço nenhum para conter a crise, poupando suas energias em discussões sobre quem está causando tudo isso, e ficam apenas aguardando e se adaptando para as oportunidades de negócios que surgirão com essas mudanças. As nações ricas tem o resguardo do maior poderio bélico para fazerem valer seus interesses próprios, com o objetivo de angariar cada vez mais riquezas em todos os níveis e o controle desses recursos hídricos, que representa uma nova forma vil de manter o controle do desenvolvimento dos povos subjugados.

Hidroconflitos pelo mundo

Seja na crença religiosa ou nas batalhas históricas registradas, a água sempre esteve e estará no meio dos conflitos. São mais de 270 aquíferos e 260 bacias hidrográficas transnacionais reconhecidas internacionalmente, das quais 40% são compartilhadas por mais de um país, e existem 19 bacias que são compartilhadas por cinco ou mais países. Cada uma é foco em potencial para conflitos armados e revoltas, que tem entre suas causas a escassez de água. O rio Danúbio, o segundo mais longo da Europa (depois do Volga), desde sua nascente na Floresta Negra (Alemanha) até desaguar no mar Negro, no delta do Danúbio

(Romênia), conta com 17 países que compartilham de suas águas (em 1978 eram 12). Seu gerenciamento é um desafio crescente às nações europeias.

O México tem por obrigação devolver aos EUA toda água que é retirada dos rios Colorado e Grande. Sob pressão americana, essa água utilizada pelo México que tem que ser devolvida e tratada. Essa postura norte-americana demonstra sua preocupação diante da possibilidade de não ter água suficiente nas próximas décadas como aponta Barlow e Clark (2003).

Na América Latina está disponível um quarto do total do estoque de água doce no mundo, mas essa distribuição é desigual entre as regiões. E quando se considera a coleta, tratamento e distribuição de água, os problemas são ainda maiores. Na Bolívia, especificamente na cidade de Cochabamba, após a privatização dos serviços de água em 1999, houve um aumento de 30% da tarifa pela empresa norte-americana Bechtel, que tinha os seus serviços prestados na Bolívia pela empresa Aguas del Tunari. Esse aumento levou a população às ruas para protestar e reivindicar junto ao governo o rompimento do contrato, alegando que o preço cobrado era ilegal, já que grande parte da população do país era de origem pobre e vivia de atividade agrícola de subsistência. O governo não suportou a pressão e na primeira semana de protestos rompeu o contrato com a Bechtel, que anos mais tarde processou a Bolívia exigindo ressarcimento em razão da quebra de contrato.

A África Subsaariana e o Oriente Médio possuem 6% da população mundial e apenas 1% dos recursos hídricos. O Sudão e o Egito são abastecidos pelo Rio Nilo, no qual os egípcios tem direito a uma parcela maior de água, devido ao um acordo assinado entre ambos. O Egito, para garantir a disponibilidade de água para sua população, passou a barrar construções de hidrelétricas na parte etíope, alegando que as barragens das usinas prejudicariam a vazão do Nilo, podendo afetar 98% de sua população que vivem nas suas margens.

No Oriente Médio a tensão pela água é agravada devido aos conflitos religiosos e territoriais, envolvendo países como Israel, Palestina, Síria, Jordânia, Egito, Turquia e Iraque. A situação de Israel não é muito confortável, pois está cercado por países que não concordam com a partilha estabelecida em 1948 pela ONU. O conflito hídrico mais tenso na região ocorre entre Israel e Palestina, pois os

israelenses determinam o consumo de água dos palestinos, aumentando o nível da discordância entre eles. Os palestinos reivindicam acesso a volumes maiores, pois recebem água de Israel apenas por um ou dois dias da semana. Nota-se que é um conflito de difícil solução, devido ao quadro de escassez na região.

Em 1950, o conflito nas margens do rio Jordão entre Síria e Israel teve como origem a construção de canais e túneis para transpor água do mar da Galileia, que é abastecido pelo rio Jordão via deserto de Neguev. Em resposta, os sírios construíram dutos para reter a água em seu território. Para garantir seu abastecimento, Israel ocupou em 1965 essas construções sírias. Dois anos mais tarde, após a Guerra dos Seis Dias, Israel ocupou militarmente partes do Egito, da Jordânia e as Colinas de Golã que pertenciam à Síria. A Jordânia teve o seu volume de água reduzido, e a solução encontrada foi perfurar mais poços, o que ocasionou na diminuição do nível dos seus aquíferos.

Na Faixa de Gaza, a água do mar Mediterrâneo invadiu reservatórios subterrâneos afetando a qualidade da água doce da região, aumentando ainda mais a crise de água na Palestina.

Os rios Tigre e Eufrates têm suas nascentes localizadas na Turquia, que pode controlar toda a água que segue para Síria e Iraque. O projeto turco para utilizar a água desses rios para irrigação pode gerar mais conflitos, pois a Síria também tem projetos de irrigação, e calcula-se que a vazão do Eufrates irá diminuir prejudicando o Iraque, que já manifestou preocupação quanto ao uso desses recursos. Alguns analistas acreditam que a Turquia tem como objetivo utilizar deste controle para pressionar o Iraque a negociar petróleo com o país. Já no caso da Síria, a pressão por parte dos turcos seria para retirar o apoio dado aos curdos, que reivindicam um país autônomo, e que incluiria partes do território turco, localizado nas nascentes dos rios Tigre e Eufrates.

Um dos pontos de tensão entre China e Índia ocorre no curso do rio Brahmaputra, que tem sua nascente localizada na região do Tibete, que foi conquistada pelos chineses na revolução socialista de 1949. O governo indiano acusa os chineses de construírem usinas ao longo do rio, podendo futuramente diminuir o volume de água para a Índia e Bangladesh. Outros conflitos pela água que anda preocupando as autoridades mundiais ocorrem entre Paquistão e Índia e

entre Índia e Bangladesh, que tem como alvo da disputa o controle sobre o rio Indo, que nasce no território chinês do Himalaia, e que percorre a região da Caxemira que fica em território indiano e é reivindicada pelos paquistaneses. Essa região preocupa porque os dois primeiros são países com grande potencial atômico.

As águas do rio Senegal são compartilhadas por Guiné, Mali, Mauritânia e Senegal. Essa região sofre com a escassez hídrica, não podendo atender a todos os países, devendo sofrer com possíveis conflitos. Outra situação de conflito na África ocorre em Angola, no sul do continente, onde estão localizadas as nascentes do rio Cubango, que mais adiante tem seu curso dividido entre Namíbia e Botsuana em pleno deserto de Kalahari. O conflito se intensificou porque Namíbia tem planos para construir um aqueduto para levar água para outras regiões do país.

A falta de água em outros países é mais pontual como ocorre na Indonésia e na ilha de Java, que não sofrem de estresse hídrico, mas que tem como protagonistas deste conflito, os produtores de arroz e os industriais pelo uso da água, segundo Barlow e Clarke (2003, p.77-84). Na Coreia do Sul, outros conflitos fizeram com que os fazendeiros cortassem o fornecimento de água para Seul.

Para diminuir o uso das águas do rio Columbia, nos EUA, fazendeiros receberam dinheiro para não se utilizarem dela, destinando maiores volumes para a produção de energia na Califórnia. Os estados do Nebraska e Kansas procuraram a justiça para resolver os problemas dos poços no rio Republicano. Em Atlanta, os conflitos ocorrem por conta da privatização, que elevou o preço do consumo de água à população.

No Reino Unido, os serviços de água foram privatizados no governo de Margaret Thatcher. A empresa responsável pelo abastecimento aumentou o preço em 50%, levando grande parte da população à inadimplência, tendo ela que conviver sob ameaça de corte no seu fornecimento.

Em Darfur, no Sudão, já ocorreram confrontos diretos pela disputa da água. Essa região precisa de atenção, pois o governo sudanês já foi acusado de genocídio e crimes contra a humanidade por fatos ocorridos em 2003 e 2004.

No Brasil, a atual crise hídrica que ocorre em São Paulo no Sistema Cantareira, já é apontada pelo Ministério Público como o maior conflito pela água no

país, superando os conflitos existentes pela transposição do rio São Francisco. Em 1847, Dom Pedro II já tinha planos para transpor as águas do rio São Francisco, como o rio é carinhosamente chamado, com o objetivo de solucionar os problemas de seca na região do Nordeste. A sua nascente está localizada na Serra da Canastra em Minas Gerais e, depois de passar por cinco estados brasileiros, deságua no Atlântico, na divisa entre Alagoas e Sergipe. A obra não pôde ser realizada pelo imperador devida à falta de recursos e a precariedade técnica da época, mas quase 170 anos depois e dezenas de mandatos presidenciais, a transposição ainda não ocorreu, provocando conflitos e desconfianças em torno dela. Entre as principais críticas podemos destacar o tempo de construção e o valor da obra, que poderá encarecer a água e repassar os custos para o consumidor. A geração de energia também levanta questionamentos, pois 95% da energia gerada nesta região vem das usinas hidrelétricas localizadas no rio, e a sua retirada poderá diminuir a produção. A poluição do rio também preocupa, pois desde o período colonial ele sofre com a degradação. Além disso, poderão ocorrer salinização e erosão dos rios receptores e também de interferência nos ecossistemas aquáticos e terrestres. Mas o principal conflito está relacionado ao destino e o uso da água, em que o seu desvio será destinado para regiões onde a demanda da população por água é menor que as outras, levando todos a concluir que a transposição tem como destino a agricultura, e não para o consumo humano, como diz a lei.

Construída em 1974 para auxiliar no abastecimento de água da cidade de São Paulo e na tentativa de diminuir a dependência da Bacia do Alto Tietê, o Sistema Cantareira sofreu uma diminuição no seu nível de água durante o verão de 2013 para 2014. O governo estadual foi obrigado a utilizar uma reserva chamada de volume morto⁵ para poder continuar fornecendo água para a população. Outra solução encontrada pelo governo local para continuar mantendo o fornecimento de água foi de antecipar as obras de transposição (previstas para 2025) das águas da represa Jaguari, que faz parte da bacia do rio Paraíba do Sul, para o reservatório de Atibainha no Sistema Cantareira. Mas o Paraíba do Sul também abastece outras cidades através de seus afluentes, no qual podemos destacar o rio Guandu, principal responsável pelo abastecimento de 80% da região metropolitana do Rio de

⁵Reservatório de água situado abaixo das comportas das represas.

Janeiro, que alega que a transposição do Paraíba do Sul, que destina dois terços de suas águas para o rio Guandu poderá diminuir sua vazão para esse importante afluente.

Os governadores desses estados, para garantir o abastecimento de água para sua população, iniciaram uma guerra de lugares recorrendo junto ao governo federal, o responsável pelo rio Paraíba do Sul. O volume do Paraíba do Sul registrou enorme diminuição na sua capacidade, chegando ao seu menor nível nos últimos 10 anos.

Água como mercadoria

Em todos os lugares do mundo a água vem sendo poluída, extraída e sendo levada ao seu esgotamento. Barlow e Clarke (2003) abordam que a futura guerra pela água em alguns países do mundo será decorrente da manipulação e corrupção por partes dos governantes, administrações locais e das organizações/corporações multinacionais da água. Essas corporações irão pressionar países em desenvolvimento a privatizarem o serviço de fornecimento de água. Essas corporações são apoiadas por grandes instituições como a OMC e o Banco Mundial, afirma Ribeiro (2008). Por meio de um acordo, a OMC determinou a água como um serviço, podendo ser comercializada de diversas formas durante o seu processo de coleta e distribuição. Ribeiro (2008) aponta que no caso dos recursos hídricos, a ausência de acordos internacionais facilitou ainda mais o papel da OMC de reguladora dos interesses do grande capital internacional.

Conhecidos como %senhores das águas⁶, %barões das águas+ou %capitalistas das águas+, eles dominam os serviços da água no mundo em locais de escassez, lucrando na distribuição da água e no saneamento básico, e no comércio de água engarrafada. Eles são muito odiados por ambientalistas, mas são parceiros de instituições como o Conselho Mundial da Água. Entre esses parceiros estão funcionários ligados ao setor público, que facilitam ainda mais a sua inserção em

⁶ As grandes corporações que dominam os serviços de água por todo o mundo como as francesas Suez, Vivendi, Bouygues-SAUR; as alemãs RWE-Thames; e as Bechtel-United Utilites e a Enron-Azurix, ambas americanas.

contratos de prestação de serviços. Na região Nordeste do Brasil, por exemplo, eles atuam na distribuição de carros pipas para a população em troca de votos.

Na África essa dominação vem pela imposição da Coca-Cola. Barlow e Clarke (2003) afirmam que em diversas partes da África a água é da Coca-Cola. Querendo entrar também no mercado da água engarrafada, a suíça Nestle associada à francesa Perrier, já são donas de 30% do mercado, e a Danone juntamente com a Pepsi-Cola e a Coca-Cola possuem 15%. Alguns estudiosos acreditam que essas empresas poderão atuar no futuro na exportação de água.

Considerações finais

Após o estudo sobre alguns conflitos, observa-se nos registros do passado e mais recentes, que a água está envolvida em uma grande parte deles, seja como uma rota para atacar ou arma de guerra, ou mais recentemente como decorrência do aumento do consumo pela agricultura, indústria e urbanização. A gestão das bacias hidrográficas internacionais nunca foi tão importante quanto hoje, reconfigurando a posição estratégica de países ao longo do curso dos rios.

O aumento da demanda pela água provocou certa escassez pontual, que agravado pelo fenômeno do aquecimento global, está provocando mudanças no clima do planeta e na sua distribuição pela superfície, confirmando alguns estudos realizados sobre o tema. Muitos governantes apontam esse fenômeno e a distribuição desigual da água como fatores fundamentais pela sua escassez, mesmo em um país como o Brasil, que recebe águas de chuvas em 90% do seu território, e possui 12% da água doce do planeta mas onde já 3% da população sofre com escassez. Isso nos leva a conclusão de que o acesso à água é uma questão política de gestão, de forma a priorizar a justiça social, e obter melhores infraestruturas para evitar desperdícios e desvios, reaproveitamento, preservação das margens e leis mais rigorosas acerca de seus usos.

A comercialização da água foi apresentada como outra possibilidade de conflitos. Sua privatização em alguns países provocou até mortes, como no caso de Cochabamba na Bolívia, onde o governo enviou tropas do exército para conter os protestos da população que reivindicava o direito a ela. Em outras regiões,

empresas conhecidas como Nestlé, Coca-Cola e Danone, apoiadas por grandes instituições como a OMC e o Banco Mundial, se apropriaram de bacias hidrográficas para comercializarem águas engarrafadas. Alguns autores apontam que a ausência de acordos internacionais facilitou a privatização, e com o discurso de escassez pressionam os países, principalmente os pobres, que não têm recursos para investir e intervir, a implementarem programas de privatização. Essa posição da OMC e do Banco Mundial junto à grandes empresas, produziu um grande retrocesso nos acordos realizados na conferência da ONU, onde o discurso da escassez produziu a privatização da água. Como a própria palavra indica, privatizar é privar quem não é proprietário privado do acesso a um bem, ou seja, a privatização também produz a escassez.

Entre todas as previsões sobre o assunto, algumas apontam que poderá haver mais guerra no futuro pela água. Mas a escassez de água também poderá diminuir a produção de alimentos e ampliar a disseminação de doenças, aumentar a pobreza e a violência devido às migrações, e até alterar quadros civilizacionais, como entre Bangladesh e Índia, que devido à escassez de água gera migrações de um país para outro, alterando o quadro étnico de ambos.

Os conflitos serão inevitáveis e continuarão crescendo se não acontecer uma mudança radical em nossa sociedade e no estilo de vida. Muito se fala no conceito de Desenvolvimento Sustentável, mas ele tem um alto custo, e como vai beneficiar as gerações futuras que ainda não votam nem pagam impostos, faz com que entendemos porque a ele ainda não foi dada a devida importância. A esperança recai sobre o conceito de Sociedade Sustentável, que ao contrário da primeira que apenas modificaria o modo de produção, esta sim, levaria uma nação a um consumo consciente e com possibilidade de compartilhar os recursos nela existentes.

Referências

BARLOW, M; CLARKE, T. **Ouro azul**: Como as grandes corporações estão se apoderando da água doce do nosso planeta. São Paulo: M. Books, 2003, p 03-90.

BOUGUERRA, M. L. **A Guerra pela Água**. n. 3. São Paulo: Cadernos Diplô, p.8-11, 2003.

DIAS, G. F. **Mudança climática e você: cenários, desafios, governança, oportunidades, cinismo e maluquices.** São Paulo: Gaia, 2014.

FIERZ, M.S.M. **A fonte secou.** Revista Carta na Escola, n.91, p.39-45, out.2014.

MARTINS, R.; VALENCIO, N. **Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil: desafios teóricos e políticos-institucionais.** São Carlos: RiMa, 2003, p.22.

PETRELLA, R.A **necessidade vital se torna mercadoria.**n. 3. São Paulo: Cadernos Diplô, p.12-15, 2003.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Água não se nega a ninguém:**A necessidade de ouvir outras vozes. Disponível em: <<http://www.geopolitica.ws/leer.php/115>>. Acesso em: 25set. de 2014.

RIBEIRO, W. C. **Geografia Política da Água.** São Paulo: Annablume, 2008.

RIBEIRO, W. C. **A ordem ambiental internacional.** São Paulo: Contexto, 2001.

TANJI, T. **A gota de água.**Revista Galileu, n. 279, p.48-55, out.2014.

VENTURI, L.A.B. **O mito da estiagem de São Paulo.** Revista Carta na Escola, n.91, p.34-38, out.2014.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

www.fao.org.br. Acesso em 20 de setembro de 2014.

www.cptnacional.org.br. Acesso em 28 de setembro de 2014.

www.onu.org.br. Acesso em 03-09 de outubro de 2014.

www.onu.org.br/rio20. Acesso em 09 de outubro 2014.

www.socioambiental.org. Acesso em 03-12 de outubro de 2014.

www.mma.gov.br. Acesso em 12-14 de outubro de 2014.

Recebido em 15.11.16

Publicado em 27.02.17